senvolver de forma significativa também no que se refere ao âmbito social e psicológico.
São inúmeros os benefícios que norteiam a educação infantil no que se refere a contação das histórias, mais especificamente os contos de fadas. Não somente na desenvolvimento de habilidades e aquisição de conhecimentos da criança, sua formação como cidadão, mas benefícios que se expandem para além dela própria, como um viés da participação da mesma futuramente, na vida social, econômica e política de uma sociedade do qual irá fazer parte como adulta.
Esse artigo durante todo seu processo de construção, além de procurar comprovar o objetivo proposto, propõe ser um incentivador para que novos estudos sobre o assunto venham a surgir, sempre elevando a qualidade do ensino e tendo como protagonista, o estudante, para que o mesmo tenha garantido seu desenvolvimento pleno e significativo.

Essa visão diferenciada e o ressignificar devem fazer parte da vida de um educador constantemente, assim como o desvencilhar de preceitos e entendimentos ultrapassados, com conjecturas e padrões que não cabem mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro. 16 ed. - Paz e Terra, 2002.

COSTA, A. I. e BAGANHA, F. Lutar para dar um sentido à vida – Os contos de Fadas na Educação de Infância. 2 ed. – Rio Tinto/ Portugal: Edições Asa, 1989.

CANDIDO, A. A Literatura na formação do homem. Textos de intervenção. http://books.google.com.br/books/about/Textos_de_intervenção. 2005. Acesso em 9 de dezembro de 2020.

FRANTZ, H. M. O ensino da Literatura nas séries iniciais. 4. ed. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2005.

FRANZ, V. L. M. A Interpretação dos contos de fada. São Paulo. 3 ed. – Paulus, 1990.

OLIVEIRA, R. M. Z. A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil. São Paulo: Cortez, 2012.
RODRIGUES, M. Manual Teórico e Prático da Educação Física Infantil. São Paulo: Ícone, 2007.

O TRABALHO COM ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAROLINE PERO BISPO LUNA

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender o processo de aquisição do conhecimento e das experiências artísticas, no âmbito da educação infantil, apresentando, de forma objetiva, o conceito e esclarecendo terminologias utilizadas nesta área. Em seu corpus está apresentada uma construção informacional mais abrangente, bem como entendimento mais detalhado dos reflexos observados no trabalho com artes na educação infantil, que acabam por se deparar com a necessidade de mudança de alguns dos comportamentos da maioria dos educadores e a elucidação sobre a atual valorização do conhecimento e das experiências infantis no trabalho com artes e as vantagens obtidas pelos professores que adotam tal postura de forma mais estruturada. Para tanto, o referencial teórico do presente trabalho baseia-se em estudos já desenvolvidos na área de conhecimento da arte na educação infantil, permitindo assim, uma ampliação de conhecimento sobre o tema aqui proposto.

PALAVRAS-CHAVE: Criança; Professor; Artes; Conhecimento; Experiências.

INTRODUÇÃO

A Arte torna o ser humano um ser explorador, que por sua vez é curioso, busca o novo, faz caminhos diferentes. Também repara na natureza, nas pessoas e nas informações que o mundo traz. Quem age como explorador tem uma experiência estética a cada instante e isto é extremamente natural para as crianças. Mesmo os lugares mais comuns e corriqueiros que frequentamos podem nos proporcionar vivências estéticas. Sendo assim, propiciar experiências enriquecedoras, que ampliam nossos horizontes culturais e nosso imaginário, como possibilidade de
educação, tantos contrastes, fornecem um grande universo a ser pesquisado. A Arte como aprendizado e como conhecimento, pode propiciar experiências significativas.
Esta pesquisa fundamenta-se no trabalho de artes na educação infantil. Tem como fundamento teórico, estudos e pesquisas realizados nesta área, por especialistas no assunto. Vale ressaltar que estas teorias

serviram de suporte não só para a análise de resultados, mas, sobretudo, para subsidiar, nas considerações finais, a resposta ao problema de pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

1.1 Conexão entre a arte, a linguagem e as experiências estéticas

Entre o homem e a natureza, colocam-se símbolos, linguagens. A linguagem é a significação que damos a existência, é o caminho que a criança inventa para se colocar. Isso é a constituição da linguagem, como a criança constroi este caminho. Por meio da linguagem, a criança vai criando seu território expressivo e de ação, vivendo sua experiência estética.
Todos nós temos experiências estéticas desde que nascemos, porque elas se relacionam com a estrutura que vai se criando, tanto em nosso pensamento, como em nossa percepção. Fazem parte da experiência estética: cheiros, gostos, sons, temperaturas, texturas, imagens. Walter Benjamin fala que em cada gesto está contida toda a nossa biografia. Tudo que vivemos, tudo pelo que passamos, de alguma forma vai contribuindo para esse manancial de possibilidades que nós somos.

Segundo Stela Barbieri (2014 p. 22)

Às vezes, estética faz com que nossa linguagem seja mais ampla. Se observarmos as relações cromáticas dos objetos ou na natureza, temos recursos mais precisos para percebê-las. Se usamos experiências estéticas muito remotas nos remetem a outros momentos de nossa vida. Essa experiência com muitas cores, quando vamos usar determinada cor, sabemos mais dela. E é assim, também, com as palavras. As pessoas que conhecem muitas palavras e sabem o sabor de cada, quando falam, mostram esses sabores, que vão se articulando e criando um discurso poético.

Segundo, Duarte Jr (2000 p. 124)

É preciso compreender que a evolução estética não se refere apenas e necessariamente à arte; refere-se também à integração mais intensa e profunda do pensamento, do sentimento e da percepção. Pode, assim, suscitar maior sensibilidade em face da educação.

Esse universo de experiências é inerente, é algo que faz parte da existência humana desde que a criança nasce.
Segundo a professora Leusa, que relaciona arte e linguagem no universo da Educação Infantil:
Afinal, arte é linguagem, e linguagem é o traço diferente da espécie humana, portanto torna-se imprescindível que a Educação Infantil seja um espaço de acesso às manifestações culturais produzidas pela humanidade. Portanto somente o trabalho com arte poderá fortalecer e assegurar, por meio das múltiplas linguagens, a autoria e expressão das crianças pequenas, a fim de que elas possam se relacionar com o mundo e compreendê-lo, ampliando assim seus referenciais e potencialidades humanas.

Quando a criança chega à escola, por menor que seja, já traz consigo um universo de experiências. E isso vai fazendo com que sua linguagem tenha singularidade, ou seja, as palavras que ela já experimentou e que vão constituindo seu discurso, as cores que conhece, os movimentos que já fez, os cheiros que sentiu, os sons que ouviu tudo isto são bagagens, experiências, vivências.
E, nosso compromisso, como educadores, é justamente criar possibilidades para que as experiências estéticas sejam ricas e não se transformem em uma equação pronta que empobreça o universo da criança.

1.2 A arte e a imaginação

A base das experiências artísticas, é a imaginação. Tudo o que foi criado pelo homem foi imaginado primeiro. Aristóteles dizia que a imaginação vem do mesmo lugar da alma e a memória. Imaginação e memória alimentam-se mutuamente, trazendo a cada momento, um novo conjunto de relações entre o vivido e o imaginado. Quantas emoções a imaginação pode nos trazer.
Poemas, por exemplo, são pílulas de significados, são obras de arte e , como tais, possibilitam leituras em camadas. Ao lermos poemas podemos mergulhar em diferentes profundidades.
Os arquitetos por exemplo, são inventores de lugares, de cidades, de paisagens. Os cientistas são inventores de novas perspectivas, solucionam problemas e ultrapassam limites. Todas as pessoas podem ser inventoras de suas próprias trajetórias, perceber o mundo à sua volta e criar metas, desejos e projetos a serem realizados.
Os artistas são inventores de novos sentidos para o que há no mundo: visualidades, sons, histórias e movimentos. No entanto, não cabe só aos artistas imaginar e vivenciar o mundo.
A imaginação e a criatividade das crianças não têm limites, o que favorece o desenvolvimento de sua

potência e a exploração e a apropriação de suas múltiplas linguagens, ampliando suas formas de expressão.

Segundo Stela Barbieri (2014)

O ensino deve estar conectado ao seu tempo. Se pensarmos na produção da arte contemporânea, os mais variados aspectos da vida ressoam nas poéticas dos artistas: aspectos sociológicos, científicos, antropológicos, cotidianos – tudo é assunto para a arte. A arte, como todas as outras áreas, permeia o dia a dia da criança.

O lugar do educador tem aspectos similares ao lugar do artista, porque ele lida com a possibilades de criar novos sentidos, tanto em relação aos conteúdos curriculares, quanto em relação à informação e à percepção de seu próprio grupo de estudantes. Ele cria seu planejamento e seu caminho de ação, permitindo que o conteúdo trabalhado o transforme e o atuallize a cada aula, na relação com os alunos.

1.3 Experiências artísticas na educação infantil

A experiência artística na educação infantil, está sempre sendo reinventada, retomada, investigada. Ela depende de conseguirmos olhar em volta e perceber como podemos utilizar para estas experiências, materiais, substâncias e objetos inusitados. Além disso, devemos observar o entorno e criar, favorecer, ambientes para que as crianças experimentem e criem.
As crianças são sinestésicas, ou seja, todos os seus sentidos estão despertos a cada momento. Elas são chamadas por aquilo que lhes interessa, por uma curiosidade que as põe em movimento. Quando acordam de manhã, as crianças já são tomadas por variados interesses: querem subir em tudo, abrir caixinhas, brincar, montar, ver tatu-bola no chão, formiga andando, passarinho voando, o avião que passa.
Trabalhar com arte na educação infantil ajuda cada criança a descobrir como é seu mundo de invenções, abrir porta para novos conhecimentos, e assim aprender a imaginar e fazer.
Estar disponível e prestar atenção a tudo o que ocorre ao redor é fundamental para que se veja o mundo de forma mais ampla.
Planejar e executar são ações fundamentais na vida dos adultos, e não nos damos conta do quanto a arte e o brincar podem contribuir para nos organizarmos com criatividade e invenção. Ao favorecer o desenvolvimento da sensibiliade e da percepção estética, o ensino da arte na educação infantil proporcionam às crianças que leiam e interpretem de seu jeito o mundo que as rodeia e ,assim, se transformem e o transformem.
É importante que o professor interprete a necessidade das crianças. Essas interpretações se transformam em ações que oferecem ferramentas necessárias para que as crianças atuem no mundo, e a arte é uma dessas ferramentas.

Segundo Sônia Kramer (1999 p.102)

Estamos vivendo em um mundo onde não existe mais separação entre o universo da criança e o universo do adulto, as crianças pequenas são atravessadas pelo mundo, a infância está desarticulada de seu sentido, está sendo violentada. É necessário preservar o universo da criança, para que ela possa brincar e exercitar a sua potência de inventar econstruir.
O adultocentrismo marca as produções teóricas e as instituições. Reconhecer na infância sua especificidade – sua capacidade de imaginar, fantasiar e criar – exige que muitas medidas sejam tomadas. Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido da história, requer que se conheça as crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam.

As crianças trazem questões de suas vidas em seus trabalhos de arte. Muitas vezes, desenham e pintam contando histórias, misturando super-herói com pai , com amigos.
O autor Jorge Larossa diz que experiência não é aquilo que passa em nós, mas aquilo que se passa em nós, “aquilo que fica gravado nas nossas entranhas.” Muitas vezes, nas aulas de artes, perdemos a possibilidade de fazer propostas significativas para as crianças. Às vezes, procuramos materiais ou técnicas requintadas e aquilo não fala com as crianças. Conhecer os materiais e procedimentos para oferecê-los como ferramentas é papel do professor, mas também é seu papel estar atento às perguntas das crianças. Em vários momentos, uma ação muito simples, com materiais acessíveis funciona melhor.
As crianças cantam enquanto desenham, derrepente levantam e dançam e continuam desenhando, têm uma atenção ampliada e podem perceber várias situações ao mesmo tempo.

1.4 A importância dos materiais nas aulas de artes

No universo escolar, a arte possibilita o entrecruzamento de diversas áreas do conhecimento. A partir

da experiência com materiais, a criança pode expressar o que sente, pensa, observa, imagina e deseja.
Além de preparar o material, a maneira de dispô-lo no espaço é fundamental para a exploração e investigação das crianças. É importante, por exemplo, oferecer ás crianças materiais para que possam sentir a textura.

Usando diversidade de materiais, permitimos que a criança use seu corpo de várias maneiras. É fundamental que as propostas e ações sejam preparadas com carinho. Estas ações são determinantes, pois, temos a possibilidade de usar materiais e situações simples ao nosso alcance, como por exemplo, desenhar na terra. Mas é muito importante e fundamental, ter atenção aos detalhes desde a preparação da ação. Segundo o autor Evandro Carlos Jardim (p.57)

Nós não modelamos só com o barro, nós modelamos também com nossos pensamentos, com as nossas apreensões do mundo. Portanto, entendemos por plástica a arte de plasmar, de modelar, que visa à reprodução de formas. O termo plástica tem relação com o termo grego plasto, empregado para designar um núcleo de onde nasce e se desenvolve cada coisa. É por isso que nós podemos aprender a ver as coisas de dentro para fora. No meu modo de ver, isso poderia ser feito numa escola em diferentes níveis.

A professora Rosely chama a atenção para o olhar e a sensibilidade de quem trabalha com artes na educação infantil:

Não é utopia desejar a presença de um professor atento e sensível nos grupos de educação infantil, capaz de promover a aproximação das crianças com a arte, de modo a valorizar o potencial expressivo dos pequenos e ampliar suas habilidades artísticas, que começam muito cedo, com as primeiras garatujas, consideradas por alguns como riscos sem sentido, que não servem para nada; nas brincadeiras com massinha ou argila ou nas construções de torres e castelos com areia, pedras egravetos.

Imagens às quais todos são expostos diariamente e a maneira como cada um as vê e seleciona o que ver, são outras formas de despertar interesse e o envolvimento no ensino e aprendizagem de arte.

Segundo Stela Barbieri (2014 p. 94)

O que mais mobiliza em uma arte não é só sua imagem, ou sensação que ela traz, mas o que o artista conseguiu catalisar de seu movimento / pensamento no momento de realizar a pintura, o desenho, a escultura, a instalação. A inquietação que fez com que

aquilo chegasse ali. A inquietação é algo a ser alimentado nas crianças – alimentar o desejo de procurar. Encorajá-las a acreditar no valor de suas perguntas e ideias, em seu poder de realização.

O que mais precisamos alimentar nas crianças é essa inquietação, esse desejo de procura, para que elas saibam que podem se movimentar na direção do que desejam. Se elas têm uma pergunta, se têm uma idéia, podem construir.

Segundo Sara Pain (2004 p. 64)

O aprendizado é peculiar: aprendemos com o mundo, elaboramos internamente essas aprendizagens, transformando-as em experiências pessoais e trazendo-as para o mundo de outro modo. As crianças vivem esse movimento pendular o tempo inteiro: percebem fenômenos de maneira peculiar e processam esse conhecimento, que passa a fazer parte delas.

A mesma professora Rosely pergunta também sobre os materiais:

Em uma instituição que atende bebês e crianças maiores, até 5 anos, quais materiais e suportes de arte não podem faltar? O que deve ser garantido pela instituição e pelo próprio professor para que esses recursos sejam eficazes na aproximação das crianças ao fazer artístico?

Os materiais de artes podem ser os mais variados, podemos utilizar desde objetos do cotidiano até materiais específicos. O que não pode faltar é a atenção do professor para perceber essa diversidade. Muitas vezes, dizemos que a escola não nos dá material e por isso não fazemos nada, mas podemos usar o que tivermos à mão ou buscarmos materiais ricos em possibilidades de uso.
Também é necessário pensar no que se espera de cada faixa etária. Por exemplo, para a criança que não sabe falar, ainda não é hora de aprender o nome das cores, mas de experimentá-las. Nomear vem depois, com dois anos de idade aproximadamente, quando a criança começa a falar de fato; nomear passa a fazer sentido, dar nomes as cores, se divertir com os nomes, com a poesia.

Cada faixa etária traz potências específicas. Uma

criança de um ano ou menos quer experimentar, sentir o gosto, a textura, olhar para as coisas, aprender a engatinhar em espaços de diferentes texturas e desafios. Essas experiências fomentam a formação estética das crianças, de forma que elas se sintam valorizadas e se envolvam com as ações propostas.

Como a professora Rosely pontua:

Penso que a arte na Educação Infantil deveria possibilitar, em primeiro lugar, a valorização das crianças, dando-lhes oportunidades de experimentar um repertório de materiais , suportes e estratégias. É preciso permitir que, desde a mais tenra idade, elas sejam produtoras, apreciadoras e que tenham contato constante com materiais e produções artísticas. Só assim a arte contribuirá com a formação humana, que em minha concepção tem como principal consequência o desenvolvimento da sensibilidade, tão necessária á vida e ás relações que estabelecemos com o mundo.

1.5 O papel do educador

Nós somos representantes da cultura. O educador tem papel de apresentar culturas e maneiras de expressão para as crianças, o que deve ser realizado em conexão com a realidade da sala de aula e daquele grupo de crianças. Escolhas realizadas para aquele grupo de crianças. Escolhas realizadas para aquele grupo, que está envolvido com questões específicas. Antes de tudo é preciso observar, como muito bem aponta Madalena Freire :

Ferramenta básica do trabalho do educador, a observação é um ato de leitura, uma tomada de consciência de si, dos outros, da realidade. É através da observação que o educador detecta, "lê", o que vê, no espontâneo ou não, no seu dia junto aos educandos. Também é atravéz dela que ele pode detectar o que não sabe, o que não vê. Pois só vemos o que sabemos. Toda observação (com seu registro) é material para reflexão, estudo do educador. Estudo na busca do entendimento dos significados que estão encobertos (para serem lidos) na realidade. Realidade que "lida" poderá ser transformada.

Temos de estar conectados com o que fazemos e com o que interessa às crianças naquele momento. Aprofundar nos assuntos e aspectos nos quais as crianças estão interessadas, em vez de propor apenas atividades recreativas. As crianças brincam o tempo todo e com tudo. É preciso tomar cuidado para não banalizar o brincar, e deixar de oferecer novas propostas instigantes.
A convivência com crianças pode proporcionar aos professores inspiração para muitas realizações.
Perguntar-se quais as experiências de que as crianças vão usufruir em determinada proposta é um bom norte para sua organização espacial e temporal e escolha de materiais. Não é oferecer qualquer coisa, de qualquer maneira.
Além disso, há uma infinidade de maneiras de organizar os materiais e o espaço.

1.6 A organização dos espaços

Há espaços que fazem com que nos sintamos valorizados e à vontade, onde podemos criar soluções múltiplas para nossas idéias. Onde a possibilidade da concretização de um projeto tenha as adequações necessárias para a materialização de uma idéia. Muitas vezes, erramos ao experimentar, não satisfazemos nossas expectativas, e a receptividade por parte das pessoas que estão á nossa volta nos encoraja na pulsão de continuar e tentar outra vez. Um ambiente com essa qualidade traz uma sustentação de forças para a potência de nossa criação. Quando falamos disso, estamos nos referindo a todos os atos criativos, seja a criação de uma aula ou da arte.

Segundo a artista plástica Paulina Rabinovich (2009):

O espaço deve ser acolhedor e trazer segurança para que a criança possa se envolver, se expressar e se liberar com toda a sua intensidade. À medida que ela vai se relacionando com o espaço, vai se integrando, se soltando, ficando mais espontânea, flexível, ágil e alegre. Sua capacidade de criar e de brincar acontece sem ter que responder a fórmulas pré estabelecidas, modelos, estereótipos e expectativas do meio, podendo assim desenvolver seu próprio ritmo e características pessoais.

Cada criança e grupo de crianças tem seu próprio ritmo, ao qual devemos estar atentos. É comum que as crianças que chegam à escola pela primeira vez se concentrem por pouco tempo em suas produções. Sua concentração vai se ampliando gradativamente, conforme o interesse, envolvimento e interação com o professor, que pode sugerir outros materiais e procedimentos.

1.7 A importância da exposição dos trabalhos da crianças

Cada vez que compartilhamos a produção de um grupo de crianças, isso precisa ser exposto com rigor estético, considerando as necessidades dos trabalhos a serem mostrados, usar um painel limpo, pendurar os trabalhos com harmonia, distribuídos para que não fiquem entulhados. A exposição deve mostrar o cuidado do professor com a produção de seus alunos. A valorização do processo de criação deve acompanhar a exposição.
A produção estética das crianças precisa ocupar a escola, de forma a permitir que elas olhem o que fizeram, vejam a produção umas das outras. Os trabalhos se tornam criadores de perspectivas porque as crianças podem olhar para as produções, discutir, conversar e aprender com isso.
A exposição é um ambinete de trocas, que apresenta outra forma de comunicação para a comunidade expressiva da escola. Espaço que também pretence às crianças, pois é a produção delas que está ali. Povoar um ambiente de elementos significativos, que dizem respeito às crianças, faz toda a diferença, ao invés de usar adereços que interferem nos trabalhos dos alunos, efeitos midiáticos superficiais, que não têm relação com a produção cultural daquela comunidade. O espaço em si é um educador, e o ambiente que criamos no espaço também.
O espaço tem intenção. Ele orienta a ação. Ao entrarmos em um espaço bagunçado, ele nos convida de determinada maneira. Um lugar cuidado,

preparado, nos convida de outro jeito. É preciso que as crianças desfrutem dos espaços da escola sem muitas restrições, de maneira respeitosa, como brincantes que são. Eles nos suscitam ritmos, se é muito quente, imprime um ritmo; se o ambiente é agradável, por exemplo, embaixo de árvores ou em uma sala confortável ou iluminada, imprime outro.

1.8 Trabalhando o corpo e a expressividade nas aulas de artes

O trabalho com artes na educação infantil, também envolve o corpo e a expressividade.
A professora Leusa aborda o cerceamento que existe nas escolas em relação às manisfestações expressivas das crianças:

Embora tenhamos uma produção teórica bastante consistente em relação a essa temática, ainda é recorrente o cerceamento das manifestações expressivas das crianças na Educação Infantil por meio da padronização dos espaços, das atividades e das intervenções docentes em creches e pré escolas

Assim como inúmeras expressões que podemos identificar no rosto de cada criança, o corpo das crianças fala. Não é possível separar reflexão e pensamento do corpo de crianças pequenas, eles estão juntos. Pensamento e ação estão integrados; não existe um sem o outro. Sem o movimento, a criança não é capaz de se desenvolver, de pensar. A pesquisa de Vygotsky e de Piaget tratam desse assunto, provando que o movimento é fundamental para o crescimento saudável e pleno desenvolvimento. então , escolas de educação infantil devem privilegiar a ação, o movimento, para que as crianças possam ser potentes.

Segundo a autora Stela Barbieri (2014 p. 112)

A criança é sinestésica, atua no mundo com todos os sentidos. Canta enquanto desenha, dança enquanto canta, vira uma cambalhota enquanto declama uma poesia, tudo junto. O corpo dela está a serviço da alma, ela está plena. A escola pode correr o risco de seccionar este ser integrado quando não oferece condições para que essa integração se concretize.

Ainda segundo a autora, é preciso aproveitar essa sinestesia. Mas o que fazer com isso? Como ensinar as crianças dispersas a se concentrarem sem que deixem de viajar em sua imaginação e usar seu corpo? A interlocução entre educadores e estudantes deve ser como a respiração: uma troca de fora para dentro e de dentro para fora.
O professor é maestro de um grupo de crianças que,

em permanente movimentação, se concentram de acordo com o envolvimento e interesse que as situações em que estão propõem. O papel do educador é trabalhar nas frestas, espaços de acontecimentos. Essas frestas são singulares, e o professor precisa percebê-las, precisa ter atenção. Carregamos nossa história de vida no corpo, ele registra nossas experiências.
A professora Márcia Sebastião revela o quanto este tipo de atenção pode favorecer o desenvolvimento de cada criança:

Quando a criança tem espaço, oportunidade, tempo, materiais diversos para manusear e criar, seu olhar, sua argumentação e processo criativo se ampliam, gerando novos questionamentos, possibilidades e ações. Sua fala, seu gesto, sua criação e sua expressão corporal têm intencionalidade de comunicar o que sabe, o que sente e deseja.

As crianças nos ensinam sobre elas mesmas, e precisamos estar atentos para aprender. Uma mesma proposta precisa estar aberta para as várias maneiras de ser das crianças, de modo que elas participem de acordo com suas características. Somente dessa forma elas terão condições de criar.

Entender o corpo como uma forma de pensar é algo que muitas vezes pode não ser percebido. Associamos pensamentos à razão, à informação, ao saber intelectual.
Na arte contemporânea, existe um espaço privilegiado para discutir as questões relativas ao corpo. Muitas obras utilizam o corpo do artista e a percepção corpórea do espectador como partes de sua constituição. O corpo também é espaço privilegiado para as crianças pequenas. Para elas, nada é mais natural do que experimentá-lo. É comum que queiram passar por lugares bem estreitinhos; se desafiar no espaço, experimentar seu corpo de outro jeito, as aulas de arte podem se tornar espaço de experimentação.
É um equívoco quando professores de educação infantil têm a perspectiva de que crianças fiquem horas sentadas. Ao contrário, é preciso preparar um espaço, um ambiente onde as crianças se sintam à vontade e tenham possibilidades de usar toda energia, sem esquecer do brincar, que é constante para as crianças.

Segundo Lydia hortélio (2004 p.23) afirma:

As descobertas e o aprendizado que fazem os meninos do mundo entre eles mesmos, desde sempre, constituem o que podemos chamar a cultura da criança, ou seja, o acervo das experiências em plenitude e liberdade de ser humano ainda novo. Este acervo forma um corpo de conhecimento – um conhecimento com um corpo que transmigra de geração em geração para além das fronteiras e das idades e chega até nós, tão simplesmente, através das brincadeiras das crianças...

Como podemos garantir que a alegria faça parte da vida da criança na escola? Não há como pensar em educação de crianças sem pensar na cultura da infância. E o ensino da arte se inscreve nesse lugar.

Tecida na interação da criança consigo mesma, com a outra e com o mundo, a cultura infantil é única, várias e uma em cada gesto. E a criança, infante que é de sua espécie, necessita, como todas as outras, de seu espaço natural – a natureza.

Cultura da infância, criança, corpo, arte. Nosso corpo articula conexões entre tudo que vivemos, ele também percebe o invisível, o indizível. Precisamos dar espaço para que as crianças ouçam seu corpo.
Isso tudo faz parte da concepção de criança. A própria arte cria em nós um espaço de existência! Ela cria em nós um espaço para recebê-la.

1.9 A arte no desenho infantil

O desenho é uma maneira de brincar no mundo, pensar o mundo, de estar no mundo, de se comunicar.
O desenho permeia muitos momentos de nossa vida. ele é uma forma de pensar, de narrar, de planejar, de projetar, de inventar outros mundo, de organizar.
Os artistas fazem desenhos para trazer imagens ao mundo. O ato de desenhar é uma forma de ação e de expressão. Por isso, é importante que as crianças constituam essa linguagem. Aprender a desenhar é aprender mais uma possibilidade de comunicação, por meio da qual as crianças aprendem o mundo sobre si mesmas.
O desenho nos informa sobre o próprio processo de desenhar. Ao mesmo tempo, desenhar é uma maneira de observar o que está à nossa volta, pensar o mundo.

Segundo a professora Rosely Petri Sarmento (p.97)

Não é raro encontrar práticas intituladas como artísticas, as quais acabam por contrariar os reais objetivos da presença da arte na educação e na formação humana. Um exemplo são as reproduções de desenhos estereotipados e infantilizados a serem coloridos pelas crianças, como se elas não fossem capazes de desenhar e pintar a própria produção! Em uma instituição educativa. Essa prática é contraditória. Quais habilidades e competências educativas estamos desenvolvendo nas crianças quando propomos

tais atividades? De quais conhecimentos as crianças estão se apropriando? Essas atividades estão dizendo, a todo momento, que as crianças são incapazes de produzir; estamos incutindo nas crianças padrões estereotipados e podando sua capacidade de criação.

Por incrível que pareça, infelizmente, ainda existem nas escolas, práticas de desenhos mimeografados ou xerocados para que as crianças pintem. Essa é uma ação muito redutora. A professora Leusa mostra o mesmo tipo de preocupação:

Outro aspecto que eu gostaria de destacar é a fragmentação do trabalho realizado. As propostas muitas vezes são maçantes e destituídas de significado para as crianças, pois privilegiam a técnica, a reprodução, a cópia. É uma subalternidade da arte em relação a outras aprendizagens, pois, quando as professoras oferecem desenhos, são para que as crianças treinem a coordenação motora. Por isso é preciso pintar dentro dos limites estabelecidos, copiar formas, cobrir pontilhados e colorir os desenhos mimeografados "infinitamente iguais"

Propostas de cópia ou pintura de desenhos já feitos não são práticas educativas que provoquem o desenvolvimento, muito menos a criatividade. As crianças têm a percepção aguçada, são mais sensíveis do que se imagina e demandam proposições inteligentes, nas quais podem se divertir muito, vivendo experiências estéticas. O papel do educador é ajudar a criança a expressar-se apresentando ferramentas e procedimentos que criam condições para que ela se coloque no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envolvimento do professor é imprescindível para que o ensino da arte proporcione momentos de interação e aprendizado. Como as crianças, cada professor é único e traz consigo vivências que se expressam em sua maneira de ensinar. Cada ação que realizamos está conectada à memória de tudo que sentimos e fazemos.
Segundo Stela Barbieri (2014 p. 108)

Ao escolarizar mecanicamente a arte, criamos núcleos de desvitalização, que vão contaminando os lugares com rigidez e aridez. Quando enrijecemos a educação, a alegria não entra mais na escola, não ouvimos as crianças e acabamos perdendo a vitalidade que elas têm – olhar curioso, a imaginação fértil, que desembocam em pensamento criativo.

Informação sem imaginação não cria sentido e tem pouca utilidade em nossas vidas. Quantos de nós tivemos em nossa formação professores que permaneciam escrevendo na lousa. E isso ainda existe. Nós ficávamos copiando. E quantos de nós, trazemos na memória esses conteúdos com significação? Certamente, algo que fazia pouco sentido para o professor faz pouco sentido para nós. Porque não se deu um encontro entre o professor e o aluno, criou-se um bloqueio no aprendizado. Devemos nos esforçar para sermos outros professores. Imaginar e preparar nossas aulas com intencionalidade e cuidado, possibilita que sejamos inventores de encontros, que estejamos envolvidos no que estamos vivendo. Devemos planejar nossas aulas, refletir sobre o que as crianças sabem, a bagagem de conhecimento e vivência de mundo que trazem consigo e principalmente pensar nelas e em tudo isto quando planejamos.
Edith Derdyk (1989) identificou que o começo da alfabetização das crianças corresponde a um empobrecimento gráfico:
Os sistemas educacionais, por força das circunstâncias estão mais voltados para a educação técnica e profissionalizante. Essa postura inibe o fato perceptivo, condicionando-o a uma visão temporal e histórica, não percebem que a criança enquanto desenha, canta, dança, conta história, teatraliza, imagina, ou até silencia. O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem numa unidade indis-

solúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário.

Em outras palavras, a artista e pesquisadora identificou que a escola prioriza a escrita em vez do desenho. Como aponta a professora Leusa, cabe a nós, enquanto educadores levar em consideração que cada momento de investigação e pesquisa das crianças é relevante e não deve ser considerado simplemente uma preparação para momentos que virão e devem ser encarados como momentos relevantes em si.
Para aprofundar e enriquecer nosso trabalho, precisamos, estudar, pesquisar, e desenvolver nossa sensibilidade. Assim, as crianças poderão viver várias situações diferentes, aumentando seu conhecimento de mundo.
A forma de usufruir das vivências que temos é estar atentos para o que cada situação nos fala, permitindo que a experiência enriqueça nosso olhar, nossa história e nossa comunidade.
Como professores precisamos encontrar as ações que cabem e combinam com nossos grupos de crianças e conosco. Isso acontece quando temos abertura para observar, sentir e pensar no mundo. A arte pode nos ajudar neste sentido, nos fazendo olhar a realidade de outra forma.
A pergunta que nos devemos fazer é : "Qual nossas intenções com o nosso trabalho com artes na educação infantil ?". Didática é ação com intenção. Por trás de nossas ações, existem as nossas intenções.
Com certeza o papel do educador é ensinar. As crianças autoaprendem, elas escolhem o que aprender, mas se não tiverem alguém disposto a ensinar, elas não aprendem sozinhas. Nós todos precisamos do outro para aprender, mas também auto aprendemos.
De fato nosso papel de educador, é proporcionar experiências relevantes
para as crianças. Alcançar este objetivo demanda muito trabalho e dedicação. A riqueza das relações mora nas pequenas coisas, e o trabalho do professor é feito de pequenos gestos e delicados cuidados. As intenções precisam ser grandes, mas no dia a dia, é no pequeno que se constitui nosso trabalho, nesses pequenos cuidados.
Algumas de nossas intervenções são dar continuidade àquilo com que as crianças estão envolvidas, oferecer "outras peças para o jogo", garantir a organização para que a investigação possa se estender e para que as crianças possam tomar consciência e compartilhar suas descobertas e prazeres, ou seus desafios e dúvidas.

Segundo Stela Barbieri (2014 p.12)

Momentos em que as crianças se concentram e se dedicam integralmente a uma ação que contribui muito para a formação delas. Tais experiências se impregnam nelas, e é por isso que o ensino da arte na educação infantil precisa contemplá-las.

O lugar do educador se assemelha ao do artista, porque ambos lidam com a possibilidade de criar novos sentidos. O professor percebe as crianças como artistas, e se aprofunda em suas investigações. O pofessor cria seu planejamento e seu caminho de ação, permitindo também que o conteúdo trabalhado o transforme e se atualize a cada aula, por meio da relação que estabele com as crianças.
Ser professor é estar atento a como são diferentes as crianças. Cada uma tem uma maneira singular de se expressar. Enquanto uma faz um desenho delicado, com a pontinha do lápis, a outra precisa rabiscar, porque tem muita energia e uma expressão mais contundente. Muitas vezes, não temos um olhar para isso, para esse território amplo de tantas expressões.
A escola é um dos lugares onde as crianças podem e devem ter contato com outras referências culturais, diferentes daquelas trazidas pela televisão e pela internet. Se a escola desenvolver seu universo cultural e o aluno se sentir como parte dele, conhecerá outras formas de viver e saberá que começar a
escrever não significa deixar de desenhar. Temos a responsabilidade, enquanto educadores que trabalham com arte na educação infantil, de não deixar que esta capacidade genuína da criança se perca com o passar dos anos.
As crianças pequenas precisam de espaço para se colocar e ser o que são. Quanto mais tivermos escuta e abertura, propondo situações em que elas sejam protagonistas, tanto mais contaremos com o envolvimento e a alegria de cada criança. E o papel do educador é ajudar a criança a realizar suas idéias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. A complicada arte de ver. Texto publicado no caderno "Sinapse",
Folha de S. Paulo, em 26/10/2004.

O olhar do professor. Gaiolas ou asas – a arte do voo